

VOCAÇÃO POLÍTICA E ÉTICA DA RESPONSABILIDADE

Maria Francisca Pinheiro Coelho*

As biografias inserem-se em um gênero literário muito específico, no qual a arte de escrever e de atrair o leitor são essenciais. Não é de estranhar que escritores e jornalistas façam excelentes biografias. Em geral, a preocupação do acadêmico nesse campo extrapola o interesse pela história individual, visando focalizar a relação da singularidade de um indivíduo *versus* a sociedade. Nos atos individuais está presente a universalidade de uma estrutura social. É possível ler uma sociedade por meio de uma biografia; conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma vida individual.

A biografia quando inserida em um contexto histórico e compreendida a partir de certos referenciais analíticos, contribui para preservar a memória social e possui grande alcance explicativo nas Ciências Sociais. A história de alguém é sempre particular, única, pessoal e subjetiva, mas os homens constroem sua história no *espaço das aparências*, o que quer dizer, na sociedade, na interação com os outros. Agem em um mundo real e são condicionados por ele, em uma relação de co-determinação. Ao perceber as escolhas individuais, reações, singularidades, atribuição de sentido das ações, a abordagem biográfica enriquece a compreensão de um mundo social complexo. Somente a partir de muitos olhares, esse mundo pode ser percebido em sua diversidade, sem perder sua identidade, e a realidade manifestar-se de maneira real e fidedigna. A história de alguém é sempre particular, única, pessoal e subjetiva.

A biografia é a história de alguém contada por ele mesmo ou por outra pessoa. Quando o sujeito é o próprio objeto da narrativa existe uma identidade entre vida e história. Mas apesar de o sujeito e o objeto de estudo serem os mesmos, a narrativa é em si um ato de criação. Em qualquer outra situação, quando alguém conta a história de outra pessoa, o processo de elaboração é mais livre e distanciado. Muitas figuras célebres

* Socióloga, professora da Universidade de Brasília. Texto a ser apresentado no Grupo de Trabalho Biografia e Memória Social, no XXIV Encontro Anual da ANPOCS, outubro de 2000. A autora está escrevendo a biografia de José Genoíno, Deputado Federal pelo Partido do Trabalhadores, São Paulo.

resistiram ser biografadas. Não quiseram mostrar o lado privado na esfera pública ou, por outra razão, preferiram não incorrer na inevitável distância entre a vida real e a história escrita. Optaram por manter-se fiéis à vida e a memória oral, como se qualquer outro registro fosse inautêntico.

Escrever uma biografia é um processo de recriação do real. O biógrafo, como o pintor, ou o fotógrafo, precisa escolher o ângulo ou a identidade da realidade que quer transmitir. Ele busca a perspectiva que proporciona a melhor visão do objeto. Alguns personagens não se reconhecem em suas biografias. Há até o gênero da biografia não autorizada. Outros aprendem e se conhecer melhor a partir do olhar do outro. De todo modo, escrever biografias é contar histórias para a posteridade. Os personagens são finitos, mas os seus feitos permanecem com o registro escrito. Por intermédio dele, o mundo em que viveram será conhecido dos outros.

José Genuíno Guimarães Neto, José Genoíno Neto, José Genoíno - o nome político -, ou José Genoíno - com acento, como preferi escrever, para facilitar a pronúncia -, são variações do nome de Genoíno, deputado federal, pelo Partido dos Trabalhadores. O perfil é de um parlamentar ativo, com grande capital eleitoral, dedicado e amante confesso da vida pública e com um pensamento político crítico. Em um país onde a esquerda caracterizou-se por uma postura tradicional e autoritária, traço ainda hoje marcante em boa parte de seus grupos, as posições de Genoíno, um deputado de esquerda, inquietam.

De acordo com a inspiração deste trabalho, que não é literária, mas política, o traço permanente na vida de Genoíno é sua paixão pela política, uma vocação cultivada desde muito cedo. “A política sempre me atraiu. Não a política entendida no sentido da busca do poder ou do prestígio, mas como espaço de debate e de construção de um projeto de sociedade”.¹ Nesse sentido, a política é visualizada em seu conteúdo mais amplo como ação plural entre os homens e como identidade com o que é público, com o mundo comum, compartilhado. O que distingue a esfera pública da esfera privada é a preocupação com o mundo.

¹ As citações de Genoíno são de entrevistas concedidas à autora, em 1997 e 1998.

A biografia de Genoíno foi pensada a partir de categorias políticas, com o objetivo de entender suas opções individuais. O ponto de partida, sugerido pelos próprios acontecimentos de sua vida, foi uma reflexão sobre vocação política. Atribuiu-se à mudança nos princípios de orientação de sua conduta ética o elemento de seu sucesso parlamentar. Apesar das dificuldades na vida, Genoíno sempre foi um homem de sorte, teve *fortuna*, no sentido empregado por Maquiavel, de aproveitar as circunstâncias favoráveis e tirar proveito delas. Por outro lado, também na tortura, reagiu com *pulsão de vida*, tornando-se um dos poucos sobreviventes da guerrilha do Araguaia.² Poder-se-ia dizer, ao tentar esboçar seu retrato, e procurando evitar reificações, que ele possui as características do político weberiano de vocação, aquele que vive *para* a política e não *da* política.

O objetivo deste trabalho é basicamente o de transmitir como está sendo construída a biografia de José Genoíno e qual o referencial analítico que está sendo utilizado para a narrativa, a partir das mudanças ocorridas em sua vida. Não se fará um relato de vida, objeto de um trabalho mais longo. Suas opções aqui servem como ilustração de um modelo de vocação política e da ética na política. Nesse sentido, trata-se mais de explicitar a inspiração que conduziu a elaboração da biografia, do que propriamente descrever uma vida e uma época.

O termo *vocação* tem significados distintos e contém uma certa ambigüidade porque envolve aspectos da natureza humana aceitos como tendências naturais, mas que dependem, para seu desenvolvimento, de como as pessoas interagem socialmente e fazem escolhas próprias. Três são os usos mais freqüentes do vocábulo *vocação*, que provém do latim *vocatio*. Um sentido religioso: originalmente, um dos conceitos fundamentais do cristianismo paulino, que significa chamamento, predestinação; um sentido pragmático: conceito pedagógico que significa a propensão para uma ocupação, profissão ou atividade, a partir de habilidades adquiridas; e um sentido subjetivo: conceito que exprime atração e talento para determinada atividade, que em circunstâncias adequadas ou favoráveis se desenvolvem de forma singular.

² Dos 59 militantes do PC do B que participaram da Guerrilha do Araguaia, somente nove sobreviveram.

O termo compreende aqui o terceiro significado, que exprime atração, tendência, talento, pendor, inclinações manifestas a partir da combinação de vontade individual e experiência. Nesse sentido, a palavra extrapola o significado religioso de predestinação e o pragmático de emprego, trabalho, profissão, para assumir o significado subjetivo de atração, gosto e amor a uma causa.

Os homens, em níveis diferentes, estão de certo modo envolvidos com a política, atividade que diz respeito à própria ação humana - a condição humana da pluralidade. “O homem que vive *para* a política”, definido por Weber no ensaio *A política como vocação* não parece ser o tipo predominante na esfera pública. Infelizmente a política é uma das atividades mais incompreendidas e desvalorizadas atualmente, e são poucos os políticos que honram essa atividade.

Não são muitas as reflexões sobre vocação política. Max Weber e Hannah Arendt vão buscar argumentos para pensar sobre essa questão em Maquiavel, um exemplo do político de vocação, apaixonado pelo país, e que delimitou as virtudes e os defeitos do político. A afinidade de Weber e Arendt no pensar a *vocação política*, não se revelou em outros conceitos, como o do próprio poder.

Os dois autores, além de tratarem a política como uma esfera própria, compartilhavam enorme interesse pelos assuntos políticos e se interrogavam sobre sua própria vocação. Tinham consciência de que o não envolvimento com a ação política permitia-lhes uma liberdade maior e o distanciamento necessário na análise dos acontecimentos. Arendt sempre preferiu a posição do espectador a do ator. Para ela, “Em questões de teoria e compreensão não é incomum que os que estão de fora e os espectadores adquiram uma percepção mais aguda e mais profunda do verdadeiro sentido do que ocorre diante e ao redor de si do que seria possível para os próprios atores e participantes, inteiramente absorvidos nos eventos como devem estar...É perfeitamente possível compreender e refletir sobre política sem ser um assim chamado animal político.”³ Weber separava com rigor a política como ação da política como ciência.

³ Discurso ao receber o Prêmio *Soning* de 1975. Library of Congress. *Apud* Elisabeth Young-Bruehl. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1997, p. 12.

O percurso “da guerrilha ao Parlamento” marcou a história de vida de José Genoíno. Acompanhou essa trajetória uma mudança de sua orientação ética na política. De acordo com as duas máximas weberianas de conduta, essa transformação poderia ser atribuída a substituição da *ética da convicção* – em que em que o indivíduo vincula seu comportamento a uma crença inexorável nos fins últimos – pela *ética da responsabilidade* – que avalia a ação de acordo com as suas conseqüências e a capacidade do ator de responder por elas. “Devemos ser claros quanto ao fato de que toda conduta eticamente orientada pode ser guiada por uma de duas máximas fundamentalmente e irreconciliavelmente diferentes: a conduta pode ser orientada para uma ‘ética das últimas finalidades’, ou para uma ‘ética da responsabilidade’.”⁴

A vida de Genoíno simboliza duas épocas distintas da história política brasileira dos últimos trinta anos ao se identificar radicalmente com os valores desses dois momentos: a “revolução socialista” e a “democracia”. Nos anos 60 e 70 a palavra “democracia” não fazia parte do vocabulário da esquerda; era-lhe atribuído um conteúdo burguês de classe. Somente a partir da década de 80, e com mais ênfase depois da queda do Muro de Berlim, o termo recuperou seu valor universal; e não ainda para toda a esquerda.⁵ Quando foi ser guerrilheiro no Araguaia, o objetivo maior de Genoíno era promover a revolução socialista. Hoje, no Parlamento, sua ação, em primeiro lugar, tem em vista a construção da democracia, sem a qual não existe defesa do socialismo.

O realce “da guerrilha ao Parlamento” não está no inusitado do fato, mas no sucesso de Genoíno como parlamentar, traduzido no número de votos e no respaldo de suas idéias junto à opinião pública. A peculiaridade de sua carreira política não se deve ao fato de ser ex-guerrilheiro, embora tenha história interessante, mas à sua atuação parlamentar, o valor que atribui à política e, fundamentalmente, sua sintonia com as idéias e os valores contemporâneos: a luta pela liberdade e pela democracia. Este é seu quinto mandato consecutivo como deputado federal por São Paulo, tendo obtido, nas

⁴ Max Weber. A política como vocação. In: *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.144.

⁵ Ver Francisco Weffort Correia. *Por que democracia?* São Paulo : Editora Brasiliense, 1984.

últimas eleições, a maior votação no país em números absolutos.⁶ É o único deputado federal do PT no Parlamento desde 1982, quando o partido concorreu as primeiras eleições. Está entre os dez primeiros parlamentares formadores de opinião do Congresso Nacional.

Que levou Genoíno a mudar? Como foi construindo suas opções? O que essas transformações representaram para ele? A partir dessas questões, procurou-se reconstruir sua história de vida, com base em seus relatos, de sua família e de co-participantes de sua luta. Quaisquer que tenham sido as motivações sociais em cada período de sua vida, são as suas escolhas pessoais que dão a marca de sua biografia. Sua história, como a de todos nós, é datada e única. Nisso reside o valor da biografia, pois por mais que o personagem se identifique com a história de uma época, trata-se sempre de uma história particular. Relatar uma vida é sempre reconstruir uma história real, pelo próprio punho do ator ou por outro sujeito, que dá aos fatos arrumação e moldura próprias.

Com base na diferenciação as duas máximas weberianas de conduta, a *convicção* e a *responsabilidade*, sua história é contada. Ao procurar deslocar conceitos do plano teórico abstrato para o âmbito biográfico real, não se deve sobrepor o conceito à realidade. A realidade, multifacetada e complexa, não corresponde ao conceito que somente existe no plano ideal. O conceito é uma inspiração para interpretar um caso concreto. O paradoxo entre a ética da convicção e ética da responsabilidade está presente na política, pela própria natureza dessa atividade que lida com ideologias e na qual a tensão entre princípio e ação responsável é permanente.

A vida de Genoíno mostra dois momentos distintos de predominância de uma ética sobre a outra. No tempo do movimento estudantil em Fortaleza, em 1968, e da Guerrilha do Araguaia, no início dos anos 70, predominou a *ética da convicção*, a crença nos fins últimos, e em sua atuação no Congresso Nacional, prevalece a *ética da responsabilidade*, o compromisso com as consequências da ação. À essa mudança de orientação na postura ética atribuiu-se o seu sucesso como político. Todavia, na política o paradoxo ético é imanente. A convicção, talvez não mais como crença em fins

⁶ No seu primeiro mandato, em 1982, obteve 58 mil votos; no segundo, em 1986, 29 mil; no terceiro, em 1990, 71 mil ; no quarto, em 1994, 192 mil; no quinto, em 1998, 306 mil votos.

inexoráveis, mas expressa em valores, permanece como traço fundamental em sua vocação política.

Segundo Schluchter, “É importante, primeiro deixar uma coisa clara: de acordo com Weber, somente tem vocação aquele que serve a uma causa e torna sua a causa a que serve, que lhe dá significado pessoal e dedica-se apaixonadamente a ela.”⁷ A dedicação apaixonada a uma causa é o que distingue a pessoa que tem vocação daquela que tem um emprego, que vive *da* política, como os políticos profissionais. O amor a uma causa é o traço fundamental de uma vocação. “O político só conseguirá fazer isso se lutar para obter reconhecimento, e se assumir publicamente a responsabilidade por aquilo que defende.”⁸ Na visão de Weber, a luta pelo poder e a conseqüente responsabilidade pessoal são aquilo que dá vida ao político.

Não é bem o poder, no sentido weberiano de dominação legítima, mas a política no sentido arenthiano da persuasão e do convencimento, que atrai Genoíno para a política. “A política acabou se juntando comigo por essa facilidade que tenho de fazer coisas com as pessoas. O poder no sentido de exercer o poder não é algo que me atrai. Quando me falam para disputar um cargo majoritário, me assusto porque gosto da política no aspecto do debate, da comunicação, da polêmica por um ideal, por estar ajudando as pessoas. O que me atrai no poder é ser ouvido e saber que posso alterar a forma de pensar das pessoas e a minha. Eu me realizo na política como algo em si, como algo público.”

De acordo com Weber, o envolvimento do indivíduo com a política se dá de duas maneiras: como eleitor, o político ocasional, ou como aquele que faz da política seu campo de ação. É este último que Weber divide entre dois tipos, os que vivem *para* e os que vivem *da* política. Esse contraste, para ele, não é de forma alguma entre partes mutuamente excludentes. Em geral, o homem faz as duas coisas, pelo menos em pensamento e, certamente também, ambas na prática. “Quem vive ‘para’ a política faz

⁷ SCHLUCHTER, Wolfgang. Neutralidade de valor e a ética da responsabilidade. In: Maria Francisca Pinheiro Coelho; Lourdes Bandeira; Marilde Loiola de Menezes (Orgs.). *Política, ciência e cultura em Max Weber*. Brasília : Editora da Universidade de Brasília : São Paulo : Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 91.

⁸ SCHLUCHTER, Wolfgang. Op. cit. p. 91.

dela a sua vida, num sentido interior. Desfruta a posse pura e simples do poder que exerce, ou alimenta seu equilíbrio interior, seu sentimento íntimo, pela consciência de que sua vida tem *sentido* a serviço de uma causa. Nesse sentido interno, todo homem sincero que vive para uma causa também vive dessa causa.”⁹ Weber distingue no meio dos políticos, aqueles que são políticos por paixão - os que têm portanto a *vocação política* – dos políticos profissionais ou profissionais do partido, que fazem da política um meio de vida.

Segundo o autor, três são as qualidades destacadas do político: a paixão, a responsabilidade e o senso de proporção. A paixão no sentido da dedicação exclusiva a uma causa. Mas paixão só, não basta. É preciso responsabilidade para com tal causa, que se mede pelas conseqüências da ação. O senso de proporção é a qualidade psicológica decisiva do político porque requer a capacidade de distanciamento das coisas e dos homens. Significa a “capacidade de deixar que as realidades atuem sobre ele com uma concentração e uma calma íntimas.”¹⁰ O que dificulta o senso de proporção é a vaidade, o pior defeito do político, porque o impede de ter o distanciamento necessário da realidade e do próprio eu. A vaidade impede a objetividade. Vaidade e irresponsabilidade são os pecados mortais da política.

Pelas qualidades do homem político, vê-se que sua conduta pode se orientar pelos dois princípios éticos: a *convicção* ou a *responsabilidade*. Mas a *ética da convicção* por si só é cega, não aceita questionamento. Sua máxima é do tudo ou nada. Para Weber, a ética predominante no campo da política é a da responsabilidade, pela qual o ator avalia as conseqüências dos seus atos. Somente a ética da responsabilidade considera o paradoxo das conseqüências. Mas nas palavras do próprio Weber: “A política é feita, sem dúvida, com a cabeça, mas certamente não é feita apenas com a cabeça. Nisso os proponentes de uma ética dos fins últimos estão certos. Não podemos prescrever a ninguém que deva seguir uma ética de fins absolutos ou uma ética de responsabilidade, ou quando uma e quando outra.”¹¹

⁹ Max Weber. A política como vocação. Op. Cit. p. 105.

¹⁰ Ibid. p.138.

¹¹ Ibid. p.151.

Hoje, para José Genoíno, que se pautou tantos anos pela *ética da convicção*, “não há nada que *a priori* não possa ser revisto.” Define-se como homem de esquerda, porém não mais defende a “ditadura do proletariado”, a “revolução” como meio para se chegar ao poder e questiona a existência de um modelo acabado de socialismo. A sua paixão pela política evoluiu para uma luta por uma sociedade democrática que vise à construção do cidadão, do homem livre, que possa ser respeitado pelos seus gostos e preferências. Concorda com Bobbio¹² com a manutenção da distinção entre os conceitos de “direita” e “esquerda”, porque acredita que só o projeto desta última, entendido no sentido moderno, tem compromisso com a liberdade, com a igualdade de condições sociais e com a democracia. O projeto liberal ou neoliberal, pela ênfase exagerada nas questões econômicas e na liberdade de mercado, não consegue resolver com eficiência a problemática das desigualdades sociais.

A *ética da convicção* é própria ao campo da religião, que requer virtudes específicas e não admite questionamento de verdades últimas. Se a definição do poder como dominação legítima distingue o pensamento político de Weber do de Hannah Arendt - para quem o poder é distinto de violência, porque diz respeito a um acordo quanto ao agir comum - os dois autores têm o mesmo entendimento da incomunicabilidade entre a ética da política e a ética do evangelho. Se a primeira se define pela responsabilidade, e diz respeito as ações praticadas em nome da sociedade, a segunda é pela convicção e pela prática da bondade.

Hannah Arendt menciona que a bondade não é uma virtude da política. Ao contrário da política, avaliada pela glória na esfera pública, a bondade, como virtude cristão, é para ser feita, não para ser mostrada. “Quando a bondade se mostra abertamente já não é bondade, embora possa ainda ser útil como caridade organizada ou como ato de solidariedade. Daí: ‘Não dês tuas esmolas perante os homens, para seres visto por eles’. A bondade só pode existir quando não é percebida, nem mesmo por aquele que a faz; quem quer que se veja a si mesmo no ato de fazer uma boa obra deixa de ser bom; será, no máximo, um membro útil da sociedade ou zeloso membro da Igreja. Daí: ‘Que a tua mão

¹² BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda*. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

esquerda não saiba o que faz a tua mão direita’.”¹³ Ela cita que Maquiavel inclusive teve a ousadia de ensinar aos homens “a não serem bons”. Também para Weber, a ética do evangelho de “dê a outra face” é contrária à ética da política.

Os dois autores têm em comum o interesse pela política, mas a preferem como teoria, não como ação. Sentem-se atraídos pela política, embora reconheçam não ter a suficiente paixão para tal. Hannah Arendt não assumia o lado negativo da política, como o agir pela força. Preferia não entrar em desacordo consigo mesma, mantendo-se fiel a proposição socrática de que “é melhor sofrer o mal do que cometê-lo”.¹⁴ Em Weber, a responsabilidade sempre pesou mais do que a convicção. Assumiu o papel de cientista, no qual o paradoxo ético não está presente. Ambos recorreram a uma expressão de Maquiavel para exemplificar a máxima da *vocação política*: “Eu amo meu país, Florença, mais do que a salvação de minha alma.”

Não que Maquiavel não acreditasse em Deus nem na vida eterna. Todavia, para o homem que tem *vocação política* as questões do mundo são mais importantes do que as da alma. Para Hannah Arendt, o centro da política é a preocupação com o mundo e a essência da vocação política o amor ao mundo: “Whether the criterion is glory – the shining out in the space of appearances – or whether the criterion is justice, that is not the decisive thing. The decisive thing is whether your own motivation is clear – for the world – or, for yourself, by which I mean for your soul. That is the way Machiavelli put it when he said, ‘I love my country, Florence, more than I love my eternal salvation.’ That doesn’t mean that he didn’t believe in an after-life. But it meant that the world as such is of greater interest to me than myself, my physical as well as my soul self.”¹⁵ Segundo

¹³ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1987. p. 85.

¹⁴ ARENDT, Hannah. Verdade e política. In: *Entre o passado e o futuro*. 2 edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

¹⁵ Se o critério é a glória – o brilho no espaço da aparência – ou se o critério é a justiça, isso não é a coisa decisiva. O decisivo é se sua própria motivação é clara – para o mundo – ou, para você mesmo, o que quero dizer para sua alma. Esse é o caminho definido por Maquiavel quando ele disse, ‘Eu amo meu país, Florença, mais do que a salvação da minha alma. Isso não significa que ele não acreditasse na vida eterna. Mas significava que o mundo tal como era tinha mais interesse para ele do que ele mesmo, sua vida tanto quanto sua própria alma. Melvyn A. Hill. Hannah Arendt on Hannah Arendt In: *Hannah Arendt: the Recovery of the Public World*. St. Martin’s Press - New York, 1979. p. 311.

Maquiavel, as pessoas que acreditam que o mundo é mortal e eles próprios são imortais não podem estar preocupados seriamente com a política.

Descobrir uma vocação é para uns tarefa de uma vida. Para outros é algo que permanece indefinível. Para alguns, ainda, não é uma escolha tão difícil. Para José Genoíno, a descoberta de sua *vocação política* se deu muito cedo e jamais foi por ele questionada. A política esteve sempre relacionada ao seu claro interesse pelas coisas do mundo: “Não consigo separar minha vida da política. Sinto-me bem na política. Para mim, é um prazer, uma realização. Algo que me liberta como sujeito.”

Essa paixão é o traço comum de sua história de vida, marcada por transformações pessoais e reviravoltas nas concepções políticas. Uma paixão talvez agora maior do que no passado, porque mais amadurecida. Sentia antes uma divisão muito grande entre seu lado pessoal, alegre e comunicativo, e seu lado político, sectário e monolítico. “Hoje percebo que promovi um reencontro entre esses dois mundos.”

Mas a descoberta de sua *vocação política* e sua preservação foi facilitada por alguns acasos de sorte, dos quais soube tirar lições importantes.¹⁶ O primeiro foi o encontro, ainda garoto, com Padre Salmito, que lhe possibilitou sair do Encantado, um pequeno vilarejo de Quixeramobim (CE), sua terra natal, e conhecer muito cedo o mundo da política. Padre Salmito era o pároco do município vizinho e conheceu Genoíno em uma de suas catequeses na região. Achou-o muito esperto e perguntou sobre seus estudos. Ele respondeu que tinha concluído o primário, mas as escolas locais não ofereciam o curso ginasial. Salmito o convidou para estudar em Senador Pompeu e morar na casa paroquial. O padre tinha um trabalho político na comunidade e Genoíno, que o acompanhava, logo integrou na Juventude Estudantil Católica (JEC).

O segundo acaso, muitos anos mais tarde, ocorreu quando foi preso, dia 18 de abril de 1972, no início da guerrilha do Araguaia e sobreviveu. Se não tivesse sido preso naquela ocasião, o mais provável é que tivesse morrido como outros. Sobreviveu por causa de uma desobediência - a única da qual o PC do B lhe acusa - que foi a de que,

¹⁶ O acaso, diferentemente de outros fenômenos não explicáveis pelas leis naturais, explica um fenômeno geralmente auspicioso, inesperado, localizado no tempo e no espaço. Na produção do acaso não há

depois de ter ido entregar uma mensagem, não encontrando o pessoal no local combinado “retornou por estrada, quando devia vir pela mata.”¹⁷ Esta única desobediência partidária lhe salvou a vida. Disse ter tido uma premonição: “No dia anterior da minha prisão, dormi sozinho no mato e sonhei que ia ser preso, como se fosse um pesadelo. Eu tinha umas sinalizações nos sonhos.”

Poderia haver sido morto nas sessões de tortura, se um terceiro acaso não tivesse ocorrido. Ao ser preso, o Exército o confundiu com um camponês da região, só descobrindo que ele era Genoíno, militante estudantil procurado e guerrilheiro, dias depois. Ele foi identificado por causa de uma foto do Congresso de Ibiúna. Quando Genoíno viu a foto pensou “estou morto”. Apesar das torturas, a corporação não poderia mais, de nenhum modo, obter as informações que queria, pois alguns dias já tinham-se passado e os guerrilheiros haviam fugido do local e se escondido na mata. Dessa forma, os acasos, unidos a uma forte *pulsão de vida*, tiveram também um papel na moldura de sua *vocação política*.

Os acasos são acontecimentos importantes na política. A *virtú* – coragem, valor, capacidade -, e a *fortuna* – a sorte, o acaso -, são formas de conquistas e manutenção do poder. Genoíno em sua vida contou com a *virtú* e a *fortuna* ao seu lado. De acordo com os ensinamentos do florentino, a sorte decide a metade de nossos atos, mas o controle sobre a outra metade depende de nosso livre arbítrio. “O príncipe que baseia seu poder inteiramente na sorte se arruina quando esta muda. Acredito também que é feliz quem age de acordo com as necessidades do seu tempo, e da mesma forma é infeliz quem age opondo-se ao que o seu tempo exige.”¹⁸ Não é o passado de Genoíno, mas a adequação de sua ação ao presente que garante sua projeção na vida pública brasileira. Os tempos mudaram e ele também.

Mas, enfim: por que o nome Genoíno e não Genuíno, como seu pai e seu avô? Como em muitos casos, foi o cartório de registro do interior o responsável pela nova

intervenção humana, mas eles interferem ações. PEIRANO, Marisa. Artimanhas do acaso. In: *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1995.

¹⁷ ARROYO, Ângelo. Relatório sobre a luta no Araguaia. In: Wladimir Pomar. *Araguaia : O partido e a guerrilha*. Op. cit. p. 250.

¹⁸ NICCOLÒ, Maquiavelli. *O príncipe*. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1982. p. 128.

grafia. Ao ser registrado pela segunda vez, após incêndio do cartório, Genuíno ou Genoíno deixou de ser apenas nome próprio, para ser também sobrenome. Assim, o que era uma homenagem ao avô, José Genuíno Guimarães, ficou apenas José Genoíno Neto. Mas a grafia diferente não altera a pronúncia e o significado do nome. O que possibilita um trocadilho entre José Genoíno e o *homem genuíno* de Weber, aquele que sabe combinar paixão e responsabilidade na política: “Uma ética dos fins últimos e uma ética de responsabilidade não são contrastes absolutos, mas antes suplementos, que só em uníssono constituem um homem genuíno - um homem que *pode* ter a ‘vocação para a política’.”¹⁹

¹⁹ WEBER, Max. A política como vocação. Op. cit. p. 151.